



## ARQUITETURA

### Livro discute projetos urbanos de SP e RJ

São Paulo e Rio de Janeiro têm adotado e praticado estratégias distintas e, por vezes, descontínuas de intervenção em seus territórios. É em torno dos programas e projetos urbanos realizados ou apenas propostos para essas duas metrópoles nos últimos 15 anos que se articula o livro *Urbanismo: Dossiê São Paulo - Rio de Janeiro*. Além de ressaltar as especificidades dos dois processos em termos de abrangências e resultados, a publicação também aponta dados coincidentes entre as duas metrópoles, como o crescimento de suas periferias e o esvaziamento de suas áreas centrais, em 24 artigos de pesquisadores de São Paulo e do

Rio de Janeiro, onde cada autor apresenta sua visão de cidade. O livro discorre sobre a necessidade de se pensar e empreender novos tipos de urbanização, a partir de elementos como paisagismo, mobilidade viária e acessibilidade, para promover a reabilitação do centro urbano, entendido dentro de um contexto cultural e social, o que inclui os bairros ao seu redor. Uma das articulistas, Regina Meyer, professora da USP e coordenadora do Laboratório de Urbanismo da Metrópole (LumeFAU-USP), avalia como os projetos em São Paulo para uma maior eficiência no deslocamento da população vêm impondo uma lógica que privilegia a expansão urbana em detrimento da organização de setores já consolidados.

A expansão das metrópoles e a perda dos centros urbanos é o assunto abordado no prefácio de Dênio Benfatti "De volta ao centro". Um quadro que ilustra seu artigo, sobre a evolução da urbanização do mundo no período 1880 a 2000, evidencia um rápido aumento da taxa de urbanização a partir dos anos 1950, com a multiplicação de cidades com mais de 1 milhão de habitantes, que contavam 70 naquela década, chegando a 320 em 2000.

Ana Carolina Freitas

## MEIO URBANO

### Corpos blindados na cidade

Pessoas dormindo, lendo, ouvindo música com fones de ouvido ou simplesmente olhando para fora, muitas vezes com olhos fixos no nada. Essas cenas corriqueiras nos transportes coletivos foram objeto de estudo para Ricardo Santos, psicólogo clínico e pesquisador do programa de psicologia social da Universidade de São Paulo (USP). Sua principal pergunta: o que estaria envolvido nessa situação, permitindo sua permanência e repetição em nosso meio social? Em seu trabalho, o pesquisador busca responder a questão. Voltou a debater o tema em outubro, no IV Encontro Internacional Gêneros na Cidade, realizado pelo Laboratório de Estudos Urbanos (Labeurb) da Unicamp, traçando diferenças entre a conceituação psicanalítica de *denão-lugar*, e o mesmo conceito na perspectiva antropológica de Marc Augé.

O pesquisador explica que tanto os instrumentos de reprodução de áudio, livros e revistas, quanto o olhar perdido na paisagem em movimento, o silêncio áspero, marcado pelos ruídos da rua e dos veículos, o isolamento numa poltrona única e, até mesmo, o sono podem ser entendidos como recursos utilizados para proteger o sujeito em sua permanência no que ele denominou *não-lugar*, um lugar utópico onde cada um, a seu modo, busca permanecer.

## BR



Luz Paulo Silva

Apesar de idêntica, a expressão *não-lugar* difere-se do termo adotado por Augé. Para Santos, os dois conceitos – o psicanalítico e o antropológico – são fios de um mesmo tecido a entrecruzar o olhar sobre o transporte público em grandes centros urbanos, mas partem de pressupostos teóricos distintos, gerando diferentes conceitos.

Na perspectiva do psicólogo, a ideia de *não-lugar* vem da literatura de Jorge Luis Borges, mais especificamente do conto “A utopia de um homem que está cansado”, publicado em *O livro de areia*, de 1975. “É justamente para um lugar inexistente que, no conto, dirige-se o narrador. Ele vai parar no futuro, onde encontra uma pessoa que o esperava. Os dois conversam amistosamente e, pelas contraposições estabelecidas, vemos, naquele mundo futuro, o mundo ideal do narrador”, diz Santos, que na época ainda não conhecia o trabalho de Augé. Em seu estudo, ele usa a literatura como *in-*

*terpretante* para questionar o sentido rotineiro de lugar e, em Borges, vê a possibilidade de visita a lugares inexistentes. No transporte público, a permanência *nonão-lugar* é conseguida por meio de instrumentos de blindagem do corpo, como livros ou *walkmans*, por exemplo. A blindagem corporal protege contra qualquer um disposto a conversar e, também, contra a cidade e suas demandas. No romance de Anne Tyler, *O turista acidental*, transposto para o cinema com o mesmo nome, o personagem principal dedica-se a escrever guias de viagens para executivos norte-americanos que desejam, igualmente, uma espécie de blindagem frente ao mundo em que são obrigados a circular. O escritor, ele próprio com séria dificuldade de relacionamento social, dá dicas para evitar a convivência em situações públicas, como viagens aéreas, e sugere recursos para reproduzir o ambiente familiar e acolhedor de seu lar, em qualquer paisagem

que o viajante seja obrigado a transitar. Na caracterização do estudo de Santos, o sujeito mantém-se numa *presença-ausente* durante o trajeto, tornando também o espaço do transporte público em uma espécie de *não-lugar* propício a que outros recursos psíquicos atuem, como nossa capacidade de imaginar, de construir e de colocar o mundo como um nada. Para o psicólogo, o interior do transporte coletivo é um espaço com regras inconscientes que determinam as inter-relações entre os passageiros, aquilo que pode ou não ser pensado, aquilo que é permitido em seu interior. “Uma descrição do campo relacional entre corpos blindados, entre presenças ausentes, poderia ser a seguinte: *ele está lendo, melhor não importuná-lo; está ouvindo música, melhor deixá-lo; aquele outro está calado e pensativo, deixemo-lo*”, diz Santos.

O ingresso e a permanência nesse *não-lugar* podem ser entendidos, da perspectiva psicológica, também como uma forma de proteção da subjetividade. “Antes o espaço do transporte público era tido como um lugar unicamente de deslocamento, o sono relacionava-se ao cansaço e as leituras a uma grande disposição; agora, podemos pensá-lo como fruto de uma intensa produção intersubjetiva, cujas regras organizam relações marcadas por silêncio e isolamento enquanto imagens (e emoções) se constroem no íntimo de cada um, tendo como organizador o desejo, presente nesse *não-lugar* constituído psiquicamente”, conclui Santos.

Marta Kanashiro